UMA MULHER SOZINHA – EXPERIMENTO CÊNICO DO TOCO NO CAPS BARONESA

GEOVANNA SOBRINHO[1]; FABIANE TEJADA DA SILVEIRA[2]

[1]*Universidade Federal de Pelotas – geosobrinho2004@gmail.com*
[2]*Universidade Federal de Pelotas – tejadafabiane@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

O projeto de extensão Teatro do Oprimido na Comunidade (TOCO) teve seu início em 2010, no âmbito do Curso de Teatro - Licenciatura, com o objetivo de discutir opressões sociais através das práticas cênicas. O projeto nasceu do desejo de estudantes de levar as teorias de Augusto Boal, dramaturgo e diretor de teatro brasileiro para as comunidades de Pelotas. A metodologia do Teatro do Oprimido é um dos trabalhos mais conhecidos de Boal em todo o mundo.

BOAL se inspirou nos princípios da educação libertadora e na Pedagogia do Oprimido do patrono da educação brasileira, Paulo Freire. Desde sua fundação, o projeto TOCO passou por diversas comunidades e acolheu estudantes de Teatro e de outros cursos. As comunidades com parcerias mais longas com o projeto são: a Associação de Pais e Amigos de Jovens e Adultos com Deficiência (APAJAD), onde foram desenvolvidas oficinas semanais de 2022 a junho de 2026 e Centro de Atenção Psicossocial (CAPS/Baronesa), de 2023 até os dias atuais, onde também são promovidas oficinas semanais de teatro.

Após 16 anos de atuação em comunidades pelotenses, o projeto conquistou o próprio espaço entre os projetos sociais em Pelotas, sendo convidado para eventos de incentivo à cultura e discussões sociais. Um desses eventos foi o seminário “20 Anos da Lei Maria da Penha: Avanços e Desafios”, promovido pela Prefeitura Municipal de Pelotas, em parceria com o Conselho Municipal dos Direitos das Mulheres de Pelotas (COMDIM).

O evento ocorreu no dia 13 de agosto de 2026, a programação contou com palestras e debates de profissionais com o objetivo de discutir e analisar a Lei Maria da Penha. O evento encerrou com a leitura cênica intitulada “Uma Mulher Sozinha”, livre adaptação da peça “Pois é, Vizinha” da atriz e diretora gaúcha Deborah Finocchiaro (1993), que traduziu para o português a dramaturgia italiana Una Donna Sola, de Dario Fo e Franca Rame (1977). A leitura cênica teve a direção de Geo Sobrinho e orientação de Fabiane Tejada, respectivamente bolsista e coordenadora do projeto TOCO. No elenco, Luiz Vaz, que interpreta as figuras masculinas e opressoras, Marina Teixeira e Sofia Rosinha que dividem o protagonismo, todos estudantes do curso de Teatro - Licenciatura da UFPEL.

A figura central é Maria, uma mulher solitária, muito bem humorada e alheia à gravidade das violências que sofre, ela compartilha suas vivências com a vizinha do apartamento em frente. A peça é um monólogo com humor ácido e de grande crueza.

2. METODOLOGIA

O TOCO se reúne toda semana para discutir, planejar e avaliar as oficinas que desenvolve nas comunidades, neste espaço surgiu a necessidade de discutir as opressões voltadas às mulheres, visto o crescimento de discursos de ódio e

conservadorismo “red pill” e “trad wife” que se estruturaram como uma rede de disseminação de misoginia que tem grande impacto no aumento da violência de gênero.

Decidimos montar uma Leitura Cênica, que conta a história de uma mulher presa a um casamento com um homem abusivo que a mantém em cárcere privado, ela é abusada sexualmente também pelo cunhado e emocionalmente pelo seu amante, um rapaz mais jovem que se aproveita de sua vulnerabilidade. Ao final da trama, ela encerra a própria vida após uma sequência de acontecimentos caóticos.

Ocorreram ensaios semanais para ajustes na interpretação, elementos cênicos e figurinos, também foi decidido deixar o suicídio final em aberto, não tão explícito quanto no texto, assim foi levado para o seminário de 20 anos da Lei Maria da Penha e posteriormente para o CAPS- Baronesa, em acordo prévio com a professora de Artes do CAPS que acompanha nossas oficinas.

Os usuários do CAPS que frequentam semanalmente as oficinas de teatro do TOCO já possuem o senso crítico e estético da cena, assim, mesmo com o texto forte e com temas sensíveis, analisaram, compreenderam e pontuaram as diversas violências vividas pela protagonista, de forma séria porém leve. Haviam alguns outros usuários do CAPS que não participam das oficinas de Teatro do Oprimido, e durante a leitura, reclamaram ou fizeram comentários negativos sobre o tema sensível, até se retirarem espontaneamente.

Após a leitura, foi perguntado quem gostaria de participar da dinâmica, e vários dos integrantes mais assíduos se voluntariaram. Foram divididos em dois grupos, a proposta de cena era “Como podemos imaginar um final mais feliz e menos violento para a Maria?”.

O primeiro grupo trouxe para cena uma Maria que conseguiu fugir do cárcere e procurar ajuda imediata, se libertando do seu principal opressor, o marido Aldo. O segundo grupo desenvolveu uma cena onde Maria também conseguiu fugir e procurou reestruturar sua autoestima, focando na aparência. Ambas as cenas terminam com a protagonista aliviada e esperançosa. Assistidas as cenas, foi debatido sobre as soluções propostas pelos grupos, e se eram soluções reais ou soluções “mágicas”.

Todas as atividades foram baseadas nos estudos do Teatro do Oprimido de Augusto Boal, com o foco na técnica de Teatro Fórum, onde uma cena de opressão é apresentada e em seguida reapresentada, e qualquer pessoa da platéia pode dizer “pare”, entrar em cena no lugar de algum personagem e propor uma solução ocupando o lugar de espect-ator (espectador + ator) termo proposto por Boal em seu Teatro do Oprimido.

3. RELATOS E IMPACTOS GERADOS

O impacto deste trabalho desenvolvido pelo TOCO fica evidente quando ao final de todas as oficinas, uma roda é formada, e todos podem se olhar, e um a um, são convidados a desejar boas energias para os colegas, assim sempre nascem comentários como “Fico muito feliz quando venho ao teatro e encontro você”, “o teatro me faz muito bem”.

O experimento cênico Uma Mulher Sozinha finalizou com uma oficina em um dia ensolarado, mas as discussões sobre as opressões de gênero, raça, orientação sexual, saúde mental, entre outras, sempre deverão existir.

Os alunos - atores do CAPS seguem evoluindo em suas próprias trajetórias de vida, e agora possuem a arte teatral junto de seus repertórios, também

auxiliando na autoestima, na identificação com as personagens que conhecem na dramaturgia ou que criam durante o desenvolvimento das oficinas, e que impactam na sua vida social, enquanto pessoas que vão se tornando mais empáticas umas com as outras. A prática teatral, pensada por Boal, desenvolve o pensamento crítico, em busca da qualificação das respostas que as pessoas podem dar às suas escolhas diante dos problemas que se apresentam na realidade.

4. CONSIDERAÇÕES

O teatro é uma linguagem artística fundamental para debater assuntos importantes para a sociedade, que impactam nas condições de vida das pessoas. Observamos que o trabalho que estamos desenvolvendo ao longo dos anos no Projeto TOCO, estimula o senso de coletivo, a empatia e a criação de novas amizades. Para os alunos ministrantes das oficinas do TOCO, é possível ver a evolução da turma CAPS e como viraram amigos para além dos encontros de teatro. O caminho que trilham durante a recuperação de traumas e melhora da saúde mental pode ser acompanhado no fazer teatral, trazendo senso crítico e uma vida social mais ativa a todos.

A leitura cênica de “Uma Mulher Sozinha” foi mais uma fruição estética a que a turma soube assistir, interpretar, debater, e criar novas soluções para a cena que repercutem no seu pensar e fazeres cotidiano.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOAL, A. Teatro do oprimido e outras poéticas políticas. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

FINOCCHIARO, D. Pois é, Vizinha... [Texto teatral adaptado de Una Donna Sola de Dario Fo e Franca Rame]. Porto Alegre, 1993.

FREIRE, P. Pedagogia do oprimido. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

ARAÚJO, E.; MARTINS, L. Misoginia organizada: o avanço red pill e seus impactos na violência de gênero. Brasil de Fato, 02 abr. 2026. Coluna Brasil Popular. Disponível em: https://www.brasildefato.com.br/colunista/brasil-popular/2026/04/02/misoginia-organizada-o-avanco-red-pill-e-seus-impactos-na-violencia-de-genero/